

ENREDOS EM CULTURA E MEMÓRIA

MÁRIO CEZAR SILVA LEITE¹

RONALDO HENRIQUE SANTANA²

BRUNO LUIS SOARES CUSTÓDIO³

INTRODUÇÃO

No lastro do 7º Seminário Brasileiro de Poéticas Orais, realizado pelo Grupo de Trabalho (GT) de Literatura Oral e Popular da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL), em novembro de 2024, em Cuiabá-MT (Universidade Federal de Mato Grosso, UFMT), lançamos agora o **Dossiê** sob o mesmo tema/título para a Revista Boitatá (e-Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL): *cultura e memória, memória é cultura*. Trata-se do vol. 20, n. 40 e esclarecemos, desde logo, que **não** é um *Anais* do 7º Seminário Brasileiro de Poéticas Orais. Não obstante apresentarmos o mesmo tema, todos e todas as pesquisadoras e pesquisadores que tenham ou não participado do Seminário foram muito bem-vindos nas submissões de suas propostas para a publicação.

Claro nos é que, ao versarmos e relacionarmos as noções de memória e de cultura, adentramos em um vasto universo bastante complexo e esta apresentação-prefácio não é o lugar ideal para iniciarmos uma conversa que pode durar séculos e muitas de milhares de páginas. Se trouxermos à tona só a palavra-conceito(s) “cultura” já nos inseriríamos em um vasto campo de relativa controversa. Há consenso entre pesquisadores e pesquisadoras quanto a multiplicidade conceitual da palavra cultura. Roque Laraia (1986) cita “Murdock (1932): ‘os antropólogos sabem de fato o que é cultura, mas divergem na maneira de exteriorizar este conhecimento’” (Laraia, 1986, p. 65). Nestor Canclini, diz-nos “UNO DE LOS POCOS CONSENSOS [sic] que existe hoy en los estudios sobre cultura es que no hay consenso” (Canclini, 2005, p. 69). Daqui podemos pular para Raymond Willians, “*Culture* é uma das duas ou três palavras mais complicadas (...)” (Willians, 2007, p. 117). Ou ainda Terry Eagleton, “«Cultura», diz-se geralmente, é uma das duas ou três palavras mais

1 Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP, 2000). Pós-doutor em Literatura Comparada (USP, 2006). Pós-doutor em Memória Social e Bens Culturais (UNILASALLE-RS, 2016). Professor titular aposentado da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). E-mail: mcsl@terra.com.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6096-3787>.

2 Doutor em Estudos de Cultura Contemporânea pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT, 2018). Pós-doutor em Estudos de Cultura Contemporânea (UFMT, 2023). Professor Adjunto da Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: ronaldobio@ufpa.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0853-2012>.

3 Mestre em Estudos de Cultura Contemporânea pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT, 2024). Doutorando em Estudos de Cultura Contemporânea (UFMT). Email: brunoluissoares790@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-3987-3720>.

complexas da língua...” (Eagleton, 2000, p. 11). Tanto Willians quanto Eagleton seguem, a partir desses inícios, esboçando um “histórico” da palavra passando por sua etimologia e desdobrando-se nos vários sentidos que foi adquirindo ao longo do tempo até chegar aos sentidos contemporâneos. Roque de Barros Laraia (1986), aponta, cremos, um dos principais pontos da complexidade de “definição” de sentidos e de precisão conceitual. No final do capítulo 6 “Teorias Modernas sobre Cultura” (p. 65) diz ele diretamente ao leitor:

Neste ponto, o leitor já deverá ter compreendido que a discussão não terminou — continua ainda — e provavelmente nunca terminará, pois uma compreensão exata do conceito de cultura significa a compreensão da própria natureza humana, tema perene da incansável reflexão humana (Laraia, 1996, p. 65).

Teríamos ainda, fosse o caso, uma plêiade de estudiosos que gravitam por essa mesma constelação mostrando que o conceito/ termo é deslizante, movediço, mas ao mesmo tempo apresenta alguma pavimentação relativamente segura.

Para nós, a junção entre cultura e memória tem uma trajetória histórica, acadêmica, intelectual e muito afetiva. O 7º Seminário Brasileiro de Poéticas Orais e o Encontro Intermediário do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL foi em homenagem a Jerusa Pires Ferreira *in memoriam*. Fundadora do GT de Literatura Oral da ANPOLL, — ao lado de Bráulio do Nascimento, Idelette Muzart Fonseca dos Santos, com o apadrinhamento de Boris Schnaiderman em meados dos anos de 1980 — Jerusa Pires atuava em final dos anos de 1990, até sua morte em 2019, no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Semiótica, na Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC-SP), após sua aposentadoria da Escola de Comunicação e Arte (ECA) da Universidade de São Paulo (USP). Boa parte de suas orientandas e orientandos, pesquisadoras e pesquisadores, filiavam-se ao GT e assim o revigoravam introduzindo novos temas, novos e outros objetos, novos e outros debates, mas sempre em diálogo bastante estreito com os diálogos direcionados por Jerusa Pires e suas pesquisas. Vale lembrar que o Seminário Brasileiro de Poéticas Orais foi criado no interior do, e pelo, GT¹. No fim dos anos de 1990, a professora Jerusa oferecia, no PPg de Comunicação e Semiótica (PUC-SP) uma disciplina intitulada “Memória e Cultura”. Com base em vários autores e em suas próprias pesquisas, esses conceitos eram discutidos e esmiuçados.

Aqui, para nós, é importante esclarecer que a noção básica que nos permite ligar indissociavelmente cultura e memória, para restringir ao máximo autores e autoras, vem de Paul Zumthor, diz ele logo no início de *Tradição e Esquecimento* (1997, p. 13):

A memória do grupo (...) tende a assegurar a coerência de um sujeito na apropriação de sua duração; ela [a memória] gera a perspectiva em que se ordena uma existência e, nesta medida, permite que se mantenha a vida. Seria apenas sustentar que ela cria o tempo. É evidente que cria a história, ata o liame social e, por conseguinte, confere sua continuidade aos comportamentos que constituem uma cultura (Zumthor, 1997, p. 13-14).

Lembramos que, nessa reflexão de Zumthor, o esquecimento é contraparte integrante num jogo ambivalente que vai do lembrado ao esquecido. Assim,

O uso que se faz da memória, neste ou aquele contexto social ou tecnológico, o gênero de funcionamento que neste caso o caracteriza, a ideia que disso formam os indivíduos, determinam em grande parte o tipo de cultura em questão. (...) Nossas culturas só se lembram esquecendo, mantêm-se rejeitando uma parte uma parte do que acumulam no dia-a-dia (Zumthor, 1997, p. 14-15).

1 O primeiro Seminário Brasileiro de Poéticas Orais foi realizado junto à Universidade Estadual de Londrina (2010), sob coordenação de prof. Dr. Frederico Garcia Fernandes que na época era o coordenador do GT.

Assim, apresentamos os artigos que compõem este Dossiê:

Territorialidade, memória e resistência no Quilombo São José de Icatú (PA): a Dança da Farinhada como prática identitária

O primeiro texto desta edição, “Territorialidade, memória e resistência no Quilombo São José de Icatú (PA): a Dança da Farinhada como prática identitária”, de autoria das pesquisadoras Sâmia Maírla Viana Pimentel e Nazaré Cristina Carvalho, analisa as dinâmicas socioculturais da comunidade quilombola localizada no município de Mocajuba, no estado do Pará, com foco central na manifestação cultural conhecida como Dança da Farinhada. As autoras demonstram que o território quilombola transcende o espaço físico e atua como um lugar simbólico onde identidades são recriadas. Como bem enfatizado no texto, ancorado no pensamento de Antônio Bispo dos Santos, “os territórios quilombolas são espaços de continuidade da vida, onde o saber se constrói na relação com a terra, com o tempo e com os outros”.

De Caminha a Iracema: efeitos de sentido sobre a mulher indígena brasileira

A pesquisa “De Caminha a Iracema: efeitos de sentido sobre a mulher indígena brasileira”, conduzida por Helen Vanessa Silva Lopes, Vandilma Sousa Aguiar e Marcelo Nicomedes dos Reis Silva Filho, analisa a construção da imagem da mulher indígena na identidade nacional brasileira, integrando literatura, história e análise do discurso, ao comparar as obras *Iracema*, de José de Alencar, e a *Carta de Descobrimento do Brasil*, de Pero Vaz de Caminha. A conclusão indica que a idealização da heroína indígena por Alencar não rompe totalmente com o imaginário do século XVI, mas atualiza e reproduz matrizes discursivas presentes nos relatos de Caminha. O trabalho revela como repetições ideológicas influenciam a prática discursiva e mantêm representações no imaginário histórico e literário do Brasil.

Fragmentos de identidade, desestruturação do eu: violência e trauma em Corpo desfeito

No artigo “Fragmentos de identidade, desestruturação do eu: violência e trauma em Corpo desfeito”, elaborado pelas pesquisadoras Gabriela de Lima Barbosa e Nícia Petreceli Zucolo, as autoras demonstram como a cidade de Juazeiro do Norte-CE transcende a função de cenário, operando como um espaço memorialístico regido pelo sincretismo e por uma ética religiosa rigorosa. É respaldada por esse poder simbólico e patriarcal que a personagem Marlene instaura um culto delirante à filha falecida, Fabiane, utilizando-o para subjugar e agredir violentamente a neta, Amanda. Mobilizando a teoria freudiana do trauma e a concepção de memória cultural de Aleida Assmann, o artigo desvenda o recurso da dissociação, o despregar-se do próprio corpo como a única fuga possível para a protagonista frente ao intolerável. O estudo conclui, de forma contundente, que a dor e o abuso atuam como forças que impedem a construção de uma identidade coesa, resultando na inevitável fragmentação do ser.

Entre Esquecimento e Memória: Ausência Presente da Mãe em Jerusalém

No artigo “Entre Esquecimento e Memória: Ausência Presente da Mãe em *Jerusalém*”, Dai Weisi analisa o livro do escritor moçambicano Mia Couto. A história se passa em Jerusalém, um lugar isolado governado por um patriarca autoritário, onde existe um esforço para controlar o luto e apagar lembranças do passado. Para explicar como esse controle funciona, a autora usa o conceito de heterotopia de Michel Foucault, mostrando que o “rebatismo” dos moradores é uma forma de criar isolamento e esquecer a memória da Mãe (Dordalma). Porém, mesmo com todas essas tentativas de apagar o passado, o texto mostra, com base nas ideias de Aleida Assmann e Walter Benjamin, que o esquecimento imposto é frágil. A presença da Mãe aparece de maneira sutil, como na pele clara dos filhos ou na cicatriz do Serviçal, mostrando que ela nunca é totalmente esquecida. No final, o artigo conclui que a Mãe se torna um trauma impossível de eliminar, sempre presente nas pequenas lembranças e resistindo ao domínio do patriarca.

“A palavra que caminha”: território e memórias do povo indígena Nasa da Colômbia

Em “‘A palavra que caminha’: território e memórias do povo indígena *Nasa* da Colômbia”, a autora Jennifer Paola Pisso Concha explora o município de Jambaló, no estado de Cauca, Colômbia. Seu objetivo é mapear as experiências do povo *Nasa*, poeticamente conhecidos como os “filhos da água e netos do trovão”, em campo. O estudo propõe a história oral como “a palavra que caminha”, uma prática dinâmica que constrói uma “memória cartográfica” inseparável da materialidade e da dimensão cosmológica do território. A autora decodifica o espaço humanizado de Jambaló por meio de sete categorias de memórias interdependentes, sustentando sua análise em um denso referencial teórico.

AmarElo: história, resistência, poesia e elaboração do passado

O artigo “AmarElo: história, resistência, poesia e elaboração do passado”, de autoria de Flávia R. Pimenta Castellone, Rodrigo dos Santos Dantas da Silva e Thiara Cruz de Oliveira, analisa documentário *AmarElo: É tudo para ontem* (2020), do rapper Emicida, como uma forma de recontar a história sob a perspectiva dos marginalizados. Os autores demonstram que, ao gravar o espetáculo no Theatro Municipal de São Paulo, o artista reivindica um espaço historicamente elitista, promovendo um movimento de “resistência e reafirmação de identidades”. O texto levanta a urgência de promover a “elaboração do passado” para curar os traumas deixados pelo período escravocrata, aceitando o desafio de “escovar a história a contrapelo”, ou seja, reinterpretar o nosso passado a partir da perspectiva dos oprimidos e não dos colonizadores. O ensaio revela, como a obra subverte o sistema capitalista ao utilizar a grande mídia para emancipar o público, provando que a arte e a memória cumprem um “compromisso ético de produção do conhecimento” indispensável para a construção de um futuro mais justo.

Memória, cultura e imaginário no Arraial do Pavulagem: experiências educativas na Amazônia

O artigo “Memória, cultura e imaginário no Arraial do Pavulagem: experiências educativas na Amazônia”, escrito por Bianca de Sousa Maciel e Nazaré Cristina Carvalho, traz uma reflexão sobre Belém do Pará e um dos eventos populares mais marcantes da cidade: o Arraial do Pavulagem. Esse movimento, que nasceu de forma despretensiosa na Praça da República no final dos anos 1980, mostra como a educação pode acontecer fora das escolas e das instituições tradicionais. As pesquisadoras defendem que aprender também é algo que se constrói na vida diária e através da cultura local comprovando que o Arraial transcende o caráter puramente festivo, configurando-se como um autêntico e vivo “território pedagógico”.

A memória e a performance em Jazz, de Toni Morrison

Em “A memória e a performance em Jazz, de Toni Morrison”, a pesquisadora Joyce Graziela Rosa faz uma análise do livro *Jazz*, publicado em 1992, que se passa no Harlem, Nova Iorque, durante os anos 1920, época conhecida como a Renascença do Harlem. O estudo mostra como Toni Morrison cria uma história de amor diferente do habitual, usando o gênero melodrama para abordar as dificuldades vividas pela população negra que sofreu com a diáspora e o exílio. Ao focar nos personagens Joe, Violet e Dorcas (que foi assassinada), a autora explica que a reconstrução da identidade deles acontece através de sonhos, lembranças e, principalmente, da memória de seus ancestrais. Assim, o livro usa o passado dos personagens para revelar as marcas profundas deixadas pela história e pela experiência de vida dessas pessoas.

Um eu se autoficciona no arquivo: “Igual como?” de Ricardo Aleixo e as performances de si

No artigo “Um eu se autoficciona no arquivo: ‘Igual como?’ de Ricardo Aleixo e as performances de si”, escrito pela pesquisadora Sabrina Lobo Tito, é feita uma análise sobre o trabalho do artista Ricardo Aleixo, com foco no poema-conversa “Igual como?”, do livro *Extraquadro* (2021). O ensaio mostra que a autoficção se manifesta como uma “performance de si”, onde a vida do poeta se transforma em material literário e o seu “eu” se constrói e se mostra em constante atuação dentro do texto. Ricardo Aleixo parte de sua identidade pessoal para criar um “eu” coletivo, trazendo para o texto as experiências de muitos e recuperar a memória negra silenciada pela diáspora.

Úrsula: descolonizando memórias

O estudo “Úrsula: descolonizando memórias”, de Solange Santana Guimarães Moraes, Ana Cleia Silva Pereira e Josilene dos Santos Sousa, analisa o romance *Úrsula* (1859), escrito por Maria Firmina dos Reis, mulher maranhense, negra, abolicionista e primeira romancista da literatura brasileira. A análise demonstra como a obra contribui para descolonizar a memória coletiva do Brasil, revisando e corrigindo a narrativa do opressor, que buscou ocultar ou distorcer a experiência do povo negro. As autoras ressaltam que o livro procura restaurar a humanidade retirada da população negra, valorizando sua

memória e reconhecendo sua singularidade diante da violência da escravidão, que tentou apagar as tradições africanas e suas identidades, porém, mantidas e ressignificadas pela resistência e pela força das narrativas dos escravizados.

Ler levantando a cabeça: entre a rememoração e a reminiscência

“Ler levantando a cabeça: entre a rememoração e a reminiscência”, escrito por Jozilaine de Oliveira, sugere uma nova forma de encarar a leitura. Em vez de considerar a leitura apenas como decodificação de palavras, a autora demonstra que ler é uma troca: texto e leitor se afetam e se transformam mutuamente. A pesquisadora recorre à metáfora de Roland Barthes, “ler levantando a cabeça”, para descrever um instante particular da leitura: quando o leitor para, não por distração, mas porque a narrativa desperta lembranças, imagens e emoções antigas. Esse instante deve ser valorizado, pois o texto leva o leitor a recordar e refletir sobre outras questões, estabelecendo novas conexões. O sentido verdadeiro do escrito só aparece quando o leitor contribui com seu repertório, vivências e memórias. Assim, cada leitura é singular e dinâmica.

Fotografia: a centelha que (re)acende os mortos

O último artigo deste dossiê, “Fotografia: a centelha que (re)acende os mortos”, escrito por Vinicius dos Santos Moreira e Adriana Barin de Azevedo, convida o leitor a pensar sobre como a memória é mantida e como conseguimos preservar a presença de pessoas que já faleceram. O estudo mostra que a fotografia é uma forma de guardar lembranças e sentimentos, dando continuidade à presença dos que partiram nas famílias e na sociedade. O estudo argumenta que os mortos recusam ser reduzidos à lembrança passiva do psiquismo dos vivos; eles continuam atuando, perturbando e exigindo inscrição. O artigo destaca que quando organizamos, olhamos e contamos as histórias de um álbum de família, estamos usando uma “tecnologia de reaparecimento”, ou seja, estamos trazendo as memórias de volta à vida e criando novas narrativas sobre quem já se foi. Isso mostra que a fotografia é uma maneira de manter viva a história e de reinventar a identidade dos familiares.

Além dos textos que compõem o presente dossiê, este número também traz dois artigos na seção livre.

Diálogos marginais: a poesia de Paulo Leminski e a presença fantasma do modernismo de 22

O primeiro artigo de seção, dos autores Anderson Pires da Silva, Leandra Maria Carlos Cartaxo e Paula Mendonça Dias, discute a poesia de Paulo Leminski a partir de suas relações com a poesia marginal dos anos 1970 e a literatura marginal dos anos 2000, considerando a presença do Modernismo de 1922 nesses projetos de ruptura. O estudo procura compreender de que maneira a produção do poeta curitibano antecipa soluções estéticas que se manifestariam nesses dois momentos, especialmente, o coloquialismo literário, ao mesmo tempo que evidencia tensões e cisões no interior do sistema literário culto, branco e erudito. Para desenvolver essa reflexão, o artigo apresenta, inicialmente, uma discussão sobre a poesia marginal e a literatura marginal, estabelecendo suas relações com a produção de Leminski e com as influências modernistas presentes em sua escrita. Esse percurso fundamenta a análise de poemas da obra póstuma *La vie en close*, publicada

em 1991 e organizada por Alice Ruiz, destacando seu caráter intimista e a presença marcante da intertextualidade.

A dimensão extraverbal em rótulo de embalagem de produto alimentício voltado ao público infantil e pré-adolescente.

A partir da perspectiva dialógica da língua/linguagem proposta pelo Círculo de Bakhtin, Marcos Ferreira Barbosa e Célia Zeri de Oliveira fazem uma análise do rótulo do cereal matinal da marca Nestlé/Nescau. Com foco na dimensão extraverbal do enunciado, conforme Volóchinov (1926/2019), o estudo considera também a presença deste gênero, o rótulo, no processo de escolarização, especialmente, em práticas voltadas ao ensino da leitura e da escrita na Educação Infantil e nos Anos Iniciais da Educação Básica. Por meio de uma pesquisa documental de abordagem qualitativo-interpretativista, os autores examinam aspectos relacionados às dimensões temática, composicional e estilística do enunciado.

Com esses dois artigos da seção livre, encerramos a apresentação do volume 20, número 40 (2025) que traz o dossiê sobre *Cultura e Memória*, *Cultura é Memória*. Você, leitor, é nosso convidado a fazer uma viagem pelas memórias aqui registradas e a percorrer os caminhos que conectam cultura e memória.

REFERÊNCIAS

EAGLETON, Terry. **A Ideia de Cultura**. Tradução de Sandra Castello Branco; São Paulo: Editora Unesp, 2005.

GARCIA Canclini, Nestor. “Definiciones en transición”. *En: Cultura, política y sociedad: Perspectivas latinoamericanas*. Daniel Mato (org.). CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. 2005.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

WILLIAMS, Raymond. **Palavras-Chave: um vocabulário de cultura e sociedade**. Tradução de Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2007.

ZUMTHOR, Paul. **Tradição e Esquecimento**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira/Suely Fenerich – São Paulo: Hucitec, 1997.